

Fragmento do livro *Jangada de Pedra* de José Saramago

...O instinto conduz este cão, mas não sabemos o quê ou quem conduz o instinto...

*Sugiro atacarmos esse enigma proposto por Saramago munido das noções de estória e história com h minúsculo de Guimarães Rosa, assim como está no seu escrito *Aletria e Hermenêutica*.*

Antes, porém, a obra de Saramago. Entendo que o "instinto" referido não é o instinto animal, embora esteja falando de um animal. A atmosfera fantástica do livro e a frase desconcertante faz-nos crer que o termo possui uma conotação mais complexa do que a explicação biológica hegemônica. Pois, além do autor apresentar um cão inserido em uma situação excepcional, devemos ter em conta sua indagação sobre o que ou quem anima aquilo que é considerado o estímulo per si.

O livro trata de um evento extraordinário, o desprendimento da Península Ibérica da Europa. Ninguém, tampouco cientistas de várias áreas do saber, como geólogos e mineralogistas, pôde explicar o fenômeno que partiu os Pirineus. Assim, acontecimentos estranhos registrados mais ou menos no momento da primeira rachadura passam a ter valor quase científico. Um homem que atira uma pedra no mar numa distância desumana, outro que passa a ser seguido por centenas de estorninhos, um senhor que sente uma vibração constante - vibração, tremor, que, segundo os sismógrafos, embora esperada, não é verificada debaixo da terra -, ou ainda, uma mulher que ao desmanchar uma meia de lã azul surpreende-se com o comprimento de linha gerado que corresponde a centenas de ovelhas, e uma gaja que ao riscar a areia de uma praia portuguesa com uma vara de negrilho percebe que o risco refaz-se imediatamente após ser revolido. Além dos cinco, temos Constante ou Ardent, o citado cão que, assim como o espanhol, sente a terra tremer através de seu corpo.

É o cão, Constante, que leva quatro deles - a quinta personagem, Maria Guavaira, a da meia de lã. Eles o seguem como quem segue um destino. Acabaram de conhece-lo na beira da estrada com um linha azul na boca, mas

diante dos últimos acontecimentos e da insistência do cão, aceitam acompanhá-lo. Sua península está a deriva, neste contexto, não é tão absurdo quatro adultos sem rumo seguirem o rastro de um cachorro.

Retomando. Eis a frase que destacamos do livro de Saramago: "O instinto conduz esse cão, mas não sabemos o quê ou quem conduz o instinto..." Em Guimarães temos: "A estória não quer ser história" e acrescenta que a estória quer parecer com a anedota que requer fechado ineditismo, como se a estória não devesse nada à essa história com h minúsculo. Deve, e deve muito, e é por isso que, como costumamos dizer, a pulsão é, antes de tudo, exigência de trabalho (histórico). A pulsão, assim como o cão, chama-se Constante.

Lá em cima, chamei A letrinha (?) e Hermenêutica de escrito. Fiquei em dúvida entre prefácio, conto e escrito. Optei pelo último pra aproximá-lo de Lacan, pelo efeito que produz determinado escrito. Se (eu)Saramago seria personagem, Joana Carda, que risca o chão ibérico para marcá-lo irremediavelmente, entra nesse time, de quem risca e inscreve. A história e a estória se entrelaçam, como se a estória fosse o sonho manifesto e a história o sonho latente.

É curioso como certas obras se comunicam. O cão de Saramago conduz os personagens, ou, dito de outra forma, conduz os pensamentos do autor, enquanto personagem, para a casa onde encontra-se a dona do novelo azul.

"Quando pararam num terreiro defronte da casa, chegava Joaquim Sassa a dez passos da porta, que estava aberta. O cão deu um suspiro que parecia humano e deitou-se, estendendo o pescoço sobre as mãos. Com as unhas puxou da boca o pedaço de fio, sacudiu-o para o chão. Do interior escuro da casa surgiu uma mulher. Tinha na mão um fio, o mesmo que Joaquim Sassa continuava a segurar. A mulher desceu o único degrau da porta, Entrem que devem vir cansados, disse. Joaquim Sassa foi o primeiro a avançar, levava enrolada no pulso a ponta do fio azul."

O cão de Guimarães Rosa, em Aletria e Hermenêutica, é um basset.

Investigando o mecanismo dos mitos, afim de, se não captar, ao menos atrair e

recolher, o incognoscível, Guimarães invoca um diálogo peculiar sobre o que é um telefone sem fio: "

- Imagine um cachorro basset, tão comprido, que a cabeça está no Rio e a ponta do rabo em Minas. Se se belisca a ponta do rabo, em Minas, a cabeça, no Rio, pega a latir...

- E é isso o telégrafo-sem-fio?

- Não. Isso é o telégrafo com fio. O sem fio é a mesma coisa...mas sem o corpo do cachorro."

O beliscão numa ponta do fio azul, como uma vibração, uma onda talvez, fez-se sentir na outra extremidade.

Nessa outra extremidade, do nosso texto, está a metapsicologia freudiana, nosso terreno. A fórmula do fantasma, sujeito barrado punção de a, talvez possamos pensar uma outra, contida nela; história punção de estória. Vejamos se essa formulação se sustenta, servindo como metapsicologia.

No ensaio metapsicológico "O inconsciente" de 1915, Freud escreve: "Notamos que pouco a pouco fomos levados a introduzir, na exposição de fenômenos psíquicos, um terceiro ponto de vista, além do dinâmico e do topológico: o econômico, que procura acompanhar os destinos das quantidades de excitação e alcançar uma avaliação ao menos relativa dos mesmos. Parece-nos apropriado distinguir com um nome especial o modo de ver as coisas que é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que seja denominada metapsicológica uma exposição na qual consigamos descrever em processo psíquico em suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas. Diga-se de imediato que, no estado atual de nossos conhecimentos, conseguiremos fazê-lo apenas em alguns pontos isolados".

Embora não seja a primeira vez que tenha empregado o termo, parece que ali ele procura estabelecer algo. Ele fala de "consumação da pesquisa psicanalítica" ao propor a via investigativa da metapsicologia. Essa ideia merece uma confrontação com a afirmação presente no texto "A questão de uma Weltanschauung" de que a psicanálise não é uma visão de mundo.

Não parece ser por acaso que este parágrafo fundador - ato de fundação - esteja no artigo sobre o inconsciente. A metapsicologia freudiana é uma tentativa, na verdade um esforço, uma investida - ultrapassa a tentativa -, em lidar com aquilo que é, ao mesmo tempo, incognoscível e trivial e que se revela na fala em análise.

Julho/2014

Rafael Gaudenzi.